



## Vozes Insurgentes: a mulher negra na escrita de Conceição Evaristo

### Insurgent Voices: the black woman in the writing of Conceição Evaristo

Elen Karla Sousa da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, a imagem da mulher negra e a escrita de resistência são marcantes. A obra literária dessa autora inclina-se para a ressignificação identitária, sobretudo étnica. Em suas produções, os afrodescendentes são o centro de sua escrita questionadora, trazendo recordações que nos possibilitam refletir sobre os espaços de representação aos quais os negros são e estão proscritos no contexto social. As narrativas de Evaristo são intensamente desenvolvidas com o intuito de conceder uma maior visibilidade às personagens negras do que às histórias narradas. Dessa forma, deduz-se que os contos de Evaristo são contos-personagens, acessados pelas falas das personagens no ato de recordar a prática do dia a dia, referindo-se às condições étnicas e de gênero. Isto posto, com base em questões de raça, negritude, discriminação, opressão, silenciamento e representação, este artigo objetiva compreender como são construídas as personagens femininas na narrativa de Conceição Evaristo. Além disso, serão consideradas as questões que abrangem a escrita de autoria feminina e o trânsito entre o silêncio e a fala. Sobre o silêncio, bell hooks afirma que ele se manifesta como uma “estratégia de sobrevivência”, pois “muitos indivíduos de grupos oprimidos aprendem a reprimir ideias, especialmente aquelas consideradas opositoras. Da escravidão em diante, as pessoas negras, nos Estados Unidos, aprenderam a resguardarem-se em suas falas. Dizer a coisa errada podia levar à punição severa ou à morte” (HOOKS, 2019, p. 327). Portanto, erguer a voz se torna uma maneira de passarmos da condição de objetos para sujeitos, de nos libertarmos.

Palavras-chave: Mulher negra; Resistência; Conceição Evaristo.

**Abstract:** In *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), by Conceição Evaristo, the image of the black woman and the writing of resistance are striking. This author's literary work leans towards the re-signification of identity, above all ethnicity. In their productions, people of African descent are at the center of their questioning writing, bringing back memories that enable us to reflect on the spaces of representation to which blacks are and are banned in the social context. Evaristo's narratives are intensely developed with the aim of granting greater visibility to black characters than to the narrated stories. Thus, it can be deduced that Evaristo's tales are character stories, accessed by the characters' speeches in the act of remembering the daily practice, referring to ethnic and gender conditions. That said, based on issues of race, blackness, discrimination, oppression, silencing and representation, this article aims to understand how female characters are constructed in Conceição Evaristo's narrative. In addition, issues that cover writing by women and the transition between silence and speech will be considered. Regarding silence, bell hooks states that it manifests itself as a “survival strategy”, as “many individuals from oppressed groups learn to repress ideas, especially those considered to be opponents. From slavery onwards, black people in the United States have learned to guard themselves in their lines. Saying the wrong thing could lead to severe punishment or death” (HOOKS, 2019, p. 327). Therefore, raising your voice becomes a way to move from being objects to subjects, to be free.

Keywords: Black woman; Resistance; Conceição Evaristo.

## 1. Resistir para existir

Cumé que a gente fica?

Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro sobre a gente. A gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até pra sentar na

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CNPq.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

mesa onde eles estavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi se sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu pra gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro crioulo da plateia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava pra abrir um espaçozinho e todo mundo sentar junto na mesa. Mas a gente foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega pra cá, chega pra lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela pra responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa pra falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso pra bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava mais pra ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Teve uma hora que não deu pra aguentar aquela zoadinha toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu pra cima de um crioulo que tinha pegado no microfone pra falar contra os brancos. E a festa acabou em briga...Agora, aqui pra nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é a toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada caga na saída”...<sup>2</sup>

Lélia Gonzalez

Nessa epígrafe, Lélia de Almeida González (2019), professora, antropóloga, historiadora, geógrafa, filósofa, tradutora, pesquisadora, intelectual e militante do movimento negro nos faz refletir acerca da identificação entre o dominado e o dominador, ao expor alguns questionamentos sobre o porquê de o mito da democracia racial ter sido aceito e tão propagado, o que teria marcado a sua construção, e de que modo a mulher negra é posta nesse discurso.

Conforme González, o lugar no qual nos posicionamos designará nossa interpretação a respeito do racismo e do sexismo. Para nós, o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Desse modo, o sexismo provoca impactos violentos sobre a mulher negra particularmente. A autora chama a atenção para o lócus de enunciação do discurso e a consciência que se alcança ao falar em primeira pessoa. Isto posto, em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Gonzalez afirma que:

<sup>2</sup> Epígrafe de abertura do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans* é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALEZ, 2019, in HOLLANDA, 2019, p. 239-240).

Todos que se rebelam contrariamente a um determinado poder estabelecido são considerados insurgentes. E quando se refere às mulheres negras, tal insurgência ganha um outro sentido, um outro tom, torna-se um ato revolucionário, sendo que essas vozes, que por muito tempo foram subalternizadas, são potentes, são vozes insurgentes.

Embora tratadas como ‘objeto’, como subumanas, as mulheres negras não perderam a sua humanidade, apesar das várias tentativas de preteri-las, de invisibilizá-las. Erguer a voz, ter visibilidade, representatividade, expressar-se para exteriorizar suas dores, conquistas, alegrias, vivências, histórias e ter a possibilidade de expandir a fala são atos que por bastante tempo foram negados de maneira enfática, revérbero do passado colonial e escravocrata que ainda persiste em nosso país.

Aildes Celestina da Silva, em seu artigo “Mulher negra, cinco séculos de América mulher afro-brasileira”, assevera que:

A origem escrava da mulher lhe acarretou pobreza, desamparo e uma função intelectual e social abaixo das demais, valendo disso, a classe dominante espera da mulher negra um comportamento servil. Então, circunstancialmente, faz-se necessário um esforço conjunto, para que articuladas, mulheres negras possam ser fortalecidas contra toda forma de opressão, conscientes e aptas para denunciar a desigualdade social com toda a sua mazela, participando como autoras do processo de construção da própria identidade e desempenhando, como parte integrante da sociedade, o seu papel (SILVA, 1999, p. 82).

Por muito tempo, a luta das mulheres negras foi restringida ao silenciamento ou limitada a um ponto de vista masculino. Assim, é relevante que a mulher negra possa erguer sua voz, falar de si e manifestar-se através da escrita.

Nesse sentido, segundo bell hooks (2019) o engajamento feminino de romper silêncios levou as mulheres negras a produzir teorias para as próprias mulheres negras, que não tinham conhecimento sobre o feminismo ou eram agressivas ao movimento, uma vez que o enxergavam como restritos às mulheres brancas.

É sabido que as mulheres brancas pertencem a uma categoria distinta das mulheres negras. Conforme hooks (2018, p. 89): “Todas as mulheres brancas [...] sabem que a



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

branquitude é uma categoria privilegiada. O fato de que as mulheres brancas escolhem refrear ou negar esse conhecimento não significa que sejam ignorantes. Significa que estão em negação”. A classe de mulheres brancas conscientes politicamente admite a diferença entre a sua condição e a das mulheres negras; essas mulheres conscientes eram ativistas no enfrentamento pelos direitos civis. Salientamos que, por mais que tenham se integrado à luta antirracista, isso não denota que se desprenderam de sua supremacia branca, da ideia de serem melhores, mais educadas, mais informadas e preparadas para encabeçar o movimento feminista.

De vários modos, essas mulheres seguiam os passos dos ancestrais abolicionistas que reivindicavam que as mulheres brancas e negras possuíssem o direito ao voto. Contudo, ao passo que foram confrontadas com a probabilidade de que os homens negros tivessem direito para votar e as mulheres negras não, sendo que essa negação teve como base a questão de gênero, optaram por se aliar aos homens, irmanando-se dentro dos princípios de supremacia branca. Isto posto, feministas brancas contemporâneas, constatando a imposição militante por mais direitos para as pessoas negras, decidiram, naquele instante, cobrar por mais direitos para elas. Tais indivíduos asseveraram que isso operava em nome dos direitos civis que as transformou, com total consciência da opressão sexista. Entretanto, pondera-se que a mais contemporânea conscientização política delas a respeito da diferença teria sido movida para o modo como teorizavam o movimento feminista contemporâneo. Essas mulheres se introduziram no movimento “apagando e negando” a diferença, não refletindo sobre raça e gênero ligados, e desconsiderando a raça do contexto. Segundo hooks (2018, p. 90),

Priorizar gênero significou que mulheres brancas podiam assumir o palco, dizer que o movimento era delas, mesmo ao convocar todas as mulheres para aderir. A visão utópica de sororidade<sup>3</sup> evocada em um movimento feminista que inicialmente não considerava diferença racial ou a luta antirracista séria não captou o pensamento da maioria das mulheres negras/não brancas. A maioria das mulheres negras individuais, predominantemente ativistas do movimento desde a origem, permaneceu no lugar.

Cabe destacar que não havia uma integração racial quando o movimento feminista começou, e, tendo como base o pensamento de se tornarem aliadas, as mulheres negras

<sup>3</sup> Sororidade é um termo proveniente do vocábulo sóror, que vem do latim irmã; a palavra pode ser encarada como a solidariedade feminina ativada nas práticas cotidianas e políticas, sendo, desse modo, uma potência de superação da disputa entre mulheres, reforçada pelo sistema capitalista.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

começaram a interagir e aprender com as mulheres brancas e, assim, a sororidade era evocada, em um mundo de exploração e opressão:

Mulheres brancas individuais que tentaram organizar o movimento ao redor do mote da opressão comum, evocando a noção de que mulheres constituíam uma classe/casta sexual, eram as mais relutantes a reconhecer diferenças entre mulheres, diferenças que ofuscavam todas as experiências comuns compartilhadas entre mulheres. Raça era a diferença mais óbvia (HOOKS, 2018, p. 91).

Por volta de 1970, mulheres brancas que não desejavam reconhecer a realidade de uma sociedade racista e da diferença racial acusavam as mulheres negras de traidoras, por inserirem a questão da raça. Erroneamente, consideraram que as mulheres negras estavam distanciando-se do foco de gênero. Efetivamente, o que se exigia era um olhar mais centrado para o status feminino e que o entendimento dessa realidade de fato servisse como alicerce para uma política verdadeiramente feminista. A intenção não era restringir a percepção da sororidade, e sim determinar políticas tangíveis de solidariedade que propiciassem uma sororidade legítima. De acordo com hooks (2018, p. 93), “[...] o pensamento feminista e a teoria feminista se beneficiaram de todas as intervenções críticas na questão de raça. A única área problemática é a de traduzir teoria para prática”. Assim, por mais que mulheres brancas individuais tivessem incluído um estudo a respeito de raça no trabalho feminista acadêmico, esses saberes não trouxeram enorme repercussão nas relações cotidianas entre as mulheres brancas e não negras.

Para alcançarmos aquele “pedaço do opressor que está plantado profundamente em cada um de nós”, precisamos de, ao menos, duas coisas. Primeiramente, precisamos de novas visões sobre o que é a opressão. Precisamos de novas categorias de análise que incluam raça, classe e gênero como estruturas de opressão distintas, mas imbricadas (COLLINS, 2015, p. 14).

A fim de não aderirmos à comparação e hierarquização de opressões, faz-se necessário não nos prendermos ao risco de uma competição por atenção, recursos e hegemonia teórica. Contrariamente, é preciso observarmos as diversas experiências inseridas na relação de subordinação, além de destacar os princípios específicos que raça e gênero possuem em nosso tempo e espaço. Assim sendo, raça, classe e gênero como esferas de análise são essenciais para auxiliar-nos na compreensão dos fatores estruturais de submissão e dominação.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol. 16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

De acordo com Collins (2015), todos possuem uma identidade específica de raça, gênero e classe. Concepções dicotômicas do tipo ou/ou são, em particular, problemáticas, principalmente quando aplicadas a teorias da opressão, pois todo sujeito deve ser categorizado ou como sendo oprimido ou como não oprimido. Desse modo, torna-se teoricamente impensável a posição “ambos/e”, na qual o sujeito é concomitantemente oprimido e opressor.

## 2. Voz(es) da Escrivência

A escrita de Conceição Evaristo tem a sua gênese em histórias de alegrias e dores que ouviu sobretudo das mulheres que formavam seu grupo familiar e social. A influência dessas histórias orais particulariza a produção da autora e a coloca em destaque no cenário da literatura brasileira. Em sua escrita, ela partilha o sentido comum de uma sociedade ainda excessivamente construída por relações de submissão e dominação para com mulheres e negros, denotando que são mulheres que precisaram resistir à desumanização que a escravidão e o sexismo lhes transferiram. Mulheres que encontraram as latentes qualidades da diferença racial e social, estritamente as diferenças relacionadas à marginalidade, servindo como uma experiência fomentadora, ainda que frequentemente pungente, para produzir narrativas.

Fica evidente que o sujeito autoral se assenta, à proporção que elabora suas histórias sobre mulheres, que permeia de forma subjetiva as histórias, rememorando o lugar onde nasceu, o estado de Minas Gerais, as experiências adquiridas na escola e as viagens a países africanos, já na posição de autora e pesquisadora. Em tal perspectiva, podemos afirmar que há uma proximidade entre Regina Anastácia, protagonista do décimo terceiro conto da obra, e sua mãe, Joana Josefina Evaristo, e essa proximidade atua como um traço expressivo da presença de Conceição nas histórias que ouve e que são recriadas. Tal proximidade das mulheres que servem como material para sua literatura ignora todo e qualquer distanciamento, colocando Conceição Evaristo como uma das personagens de si mesma, de forma que se verifica, em suas narrativas, o sujeito autoral inscrito.



A autora, ao criar a experiência afrodescendente através de seus textos, vincula-se a um grupo literário específico, contribuindo para a promoção de uma consciência social e política de seus leitores negros. Salientamos que os contornos políticos e identitários nos textos da escritora simbolizam um empenho para o próprio fortalecimento de uma identidade afro-brasileira.

## 2.1 Regina Anastácia

Em “Regina Anastácia”, conto da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), vemos reforçada a ideia de que as mulheres negras têm, sim, histórias para contar e que essas narrativas precisam ganhar visibilidade. Assim, é necessário lembrar de nossas guerreiras, princesas, rainhas, e não permitir que mulheres que vieram antes sejam de algum modo esquecidas. Nesse sentido, a autora, logo no início do conto, menciona o nome de inúmeras mulheres negras espalhadas pela diáspora, o que leva a ponderar que tal processo permite um resgate histórico cultural de mulheres negras fora e dentro do Brasil. No conto, o discurso literário e histórico constrói um tecido e cria uma leitura viável da realidade constituída por legados, estigmas, marcas e superações. E como afirma Duarte (2018, p. 3), os contos de Conceição Evaristo “[...] encenam a crueldade, a meu ver sem transformá-la em mercadoria”.<sup>4</sup>

– O meu nome é Regina Anastácia. Assim que ouvi essas primeiras palavras de Anastácia e contemplei o seu porte tão altivo, fui tomada por uma enorme emoção. A voz dela [...], ao pronunciar o próprio nome, me soou como alguém que anuncia com respeito a chegada de uma pessoa especial, merecedora de toda reverência. Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença de Rainha Anastácia frente a frente comigo. Lembranças de outras rainhas me vieram à mente: Mãe Menininha do Gantois, Mãe Meninazinha d’Oxum, as rainhas de congadas, realezas que descobri, na minha infância, em Minas, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Lia de Itamaracá, Léa Garcia, Ruth de Souza, a senhora Laurinha Natividade, a professora Efigênia Carlos, Dona Iraci Graciano Fidélis, Tony Morrisson, Nina Simone... E ainda várias mulheres, minhas irmãs do outro lado do Atlântico, que vi em Moçambique e no Senegal, pelas cidades e pelas aldeias. Mais outras e mais outras. [...] Não pude deixar de me levantar e, respeitosamente, beijar a mão daquela mais velha, contemporânea de minha mãe, Joana Josefina Evaristo, tão rainha quanto ela (EVARISTO, 2016, p. 127-128).

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/192-rubem-fonseca-e-conceicao-evaristo-olhares-distintos-sobre-a-violencia-critica>. Acesso em: 10 jan 2020.



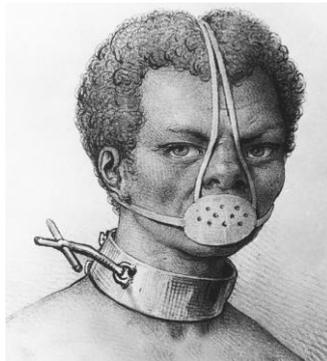
# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol.16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

No conto “Regina Anastácia”, Conceição Evaristo apresenta heroínas afrodescendentes, mulheres resistentes, mulheres-aguerridas, como está subentendido no nome da personagem Regina, que denota rainha, e com Anastácia, personagem que padece e, ao mesmo tempo, é vítima da história escravagista e abolicionista do Brasil. Anastácia foi uma bela princesa bantu escravizada no Brasil. Após ser violentada, foi obrigada a fazer uso de uma máscara de ferro, a fim de que não pudesse resistir às relações sexuais praticadas por seu senhor.

A psicóloga, escritora e artista Grada Kilomba, em *Memórias da plantação* (2019), aborda a máscara do silenciamento, analisando o retrato da “Escrava Anastácia”.



**Figura 1** - Jacques Arago, “Escrava Anastácia” (1817-1818)<sup>5</sup>

Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte de um projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura (KILOMBA, 2019, p. 33).

Assim, a máscara simboliza o colonialismo, representando princípios tiranos de conquista e hegemonia e seus processos cruéis de silenciamento dos designados “*Outros*”. A boca representa a fala e a enunciação, e em um contexto de opressão a boca pode representar a metáfora para o poder, dos que controlam quem fala, ou seja, um silenciamento imposto. É nessa concepção de sociedade que o colonialismo produziu identidades, reconhecendo umas e

<sup>5</sup> Fonte: < <https://feminismurbana.wordpress.com/2017/11/16/a-mordaca-anti-bruxa-design-para-exclusao-de-mulheres-do-espaco-publico-e-politico/anastacia/> >.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

desconhecendo outras, construindo de maneira distinta o poder, uma vez que priorizou determinados grupos em detrimento dos demais.

A representação feminina aparece como elemento instituidor para a criação de uma escrita de insubmissão, de militância e de não silenciamento. Nessa perspectiva, Cruz (2009) reconhece a contribuição de Conceição, que salienta o interdito à população negra/afro-descendente desde o período do Brasil colônia. Com o propósito de ilustrar seu pensamento, ela se vale da imagem da escrava Anastácia.

Desta forma, falar transfigura-se, desse modo, praticamente inconcebível. A questão é que vozes têm sido frequentemente emudecidas por meio de um sistema racista. Epistemologias vêm sendo eliminadas e silenciadas, e é fato que há um silenciamento do subalterno, um silenciamento dos saberes, das epistemes. Sabe-se que existe uma supremacia epistêmica construída com base na exclusão, opressão e silenciamento de nações e culturas que, no decorrer da História, foram subordinadas, subjugadas pelo colonialismo e capitalismo. De acordo com Cruz (2009, p. 106),

É exatamente esse “silêncio” que irá orientar uma fala que sempre se remeterá a três temporalidades dos antepassados africanos: o tempo anterior ao cativo, o momento relativo à escravidão nas Américas e, por fim, o período pós-Abolição. Tais temporalidades despontam nos textos da “literatura silenciosa” bem como nas narrativas contemporâneas de autores como a própria Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, na poesia de Mírian Alves, Esmeralda Ribeiro, Cuti.

Aos noventa e um anos de vida, a protagonista relata suas histórias e rememora um período em que a escravidão já não existia de modo politicamente instituído, entretanto, ainda acontecia de modo silenciado. Nesse período, seus contemporâneos, pobres e negros, não conseguiam sobreviver com liberdade, não tinham trabalho, um lar, alimentação e, em razão disso, terminavam condicionados a executar trabalhos domésticos nas fazendas, em contrapartida de circunstâncias mínimas de sobrevivência, o que indica um modo escravagista de hegemonia ainda dominante naquele período. Assim sendo, “a escravidão foi uma instituição profundamente patriarcal. Ela se apoiava no princípio dual da autoridade do homem branco e em sua propriedade, uma junção das esferas políticas e econômicas dentro da instituição familiar” (COLLINS, 2015, p. 21).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Há um relato de amorosidade e glorificação da ancestralidade negra. A narrativa celebra a cultura e a religiosidade da população negra, nela surgem Exu, Zâmbi, Ogum Olorum, São Benedito com seu Menino Jesus, Santa Efigênia e Senhora do Rosário. A festa do Rosário é mencionada, além das danças e cantos dos africanos e seus descendentes. Tudo acontecia “antes do pôr do sol”, como nos “tempos da escravatura” (EVARISTO, 2016, p. 129), quando os negros se agrupavam para lutar em prol da liberdade quilombola.

Regina Anastácia, “ao chegar [...] em Rios Fundos, ainda mocinha, já havia uma pequena capela [...] foi primeiro coroada Princesa e depois Rainha Conga” (EVARISTO, 2016, p. 130). A forma como a narradora-autora perpassa as narrativas não somente pressupõe a irmandade entre ela e as demais narradoras, de modo que essa irmandade se consolida, tendo em vista que as vozes se cruzam. Tal ligação fraterna confronta o traço de rivalidade, componente ativado em inúmeros contextos sociais, com a intenção de estereotipar a relação entre mulheres.

bell hooks (2018) reconhece a importância de a luta feminista considerar o feminismo negro e as categorias de classe e gênero, constituindo a problemática interseccional<sup>6</sup>. A autora usa como tema a questão da solidariedade entre mulheres contra as opressões capitalistas, considerando as inúmeras vivências de mulheres negras, de diversas classes sociais, de diferentes condições de existência e diversas potências comunicativas.

A narrativa relata uma história de amor entre um casal que pertencia a classes sociais e etnias diferentes. Regina, mulher negra, pobre, descendente de escravizados; e Jorge D’Antanho, homem branco, filho de senhor rico, de família latifundiária, era herdeiro de capitania hereditárias no Brasil. A família D’Antanho era proprietária do banco, do jornal, da escola, do comércio, e até mesmo da igreja, além de controlar toda a cidade, tomando as decisões sobre tudo e todos. Conforme a narradora, “os Antanhos eram donos de tudo e se consideravam donos das pessoas também” (EVARISTO, 2016, p. 130).

---

<sup>6</sup> “Entendíamos que a solidariedade política entre as mulheres expressadas em irmandade vai além do reconhecimento positivo das experiências das mulheres e até mesmo a simpatia compartilhada pelo sofrimento comum. A irmandade feminista está enraizada no compromisso compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, independentemente da forma que a injustiça toma. A solidariedade política entre as mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o cenário para derrubar o patriarcado. Significativamente, a irmandade nunca poderia ter sido possível em todos os limites da raça e classe, se as mulheres individuais não estivessem dispostas a alienar seu poder de dominar e explorar grupos subordinados de mulheres”. (HOOKS, 2018, p. 36).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Regina Anastácia e Jorge D’Antanho, unidos, suplantaram as adversidades e as proibições impostas pela família magnata da cidade. Isso, graças à mãe de Regina Anastácia, que se recusou a ser subordinada a essa família e se manteve independente com a venda de doces e pães, mesmo tendo todos os familiares de Regina trabalhando direta e indiretamente para os D’Antanhos. Isto posto, segundo hooks (2019, p. 55-56), o processo de resistência ocorre no interior do indivíduo:

Esse processo se inicia quando o indivíduo busca compreender como as estruturas de dominação atuam em sua própria vida, à medida que desenvolve consciência e pensamentos críticos, inventando novas formas de existir e de resistir distintas do espaço marginal da diferença internamente definida.

Além disso, de acordo com Gonzalez (1983, p. 230), “quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano.”

Em face do exposto, a personagem central de “Regina Anastácia” sente a dor do combate aos traços da escravatura. Mulher negra, ocupando um ambiente dominado pela mesma família dos D’Antanho, composta por brancos. Regina se apaixona por quem ‘não deveria’; em tal caso, Jorge D’Antanho, um rapaz “que pertencia ao povo de Antanho” (EVARISTO, 2016, p. 128), uma família de ascendência do Duque D’Antanho, família aristocrática vigente no Brasil desde o período colonial. Vale destacar que o sentido etimológico de “d’antanho”, sobrenome de Jorge, refere-se “a outrora, passado, tempos antigos”<sup>7</sup>. Assim, cogita-se que tal sobrenome aluda a um passado de escravidão, que carrega estigmas marcados no corpo e na memória do povo negro.

A história de amor e enlace interracial entre Regina Anastácia e Jorge D’Antanho é constituída perante a experiência de resistência e insubordinação, desobediência aos inúmeros preconceitos que sugerem uma cultura apoiada em estereótipos, no menosprezo, no rebaixamento e na objetificação do corpo da mulher negra somente como local da prática de introdução sexual masculina, isto é, do fazer uso do corpo feminino negro para “se fazer homens” (EVARISTO, 2016, p. 137). Por esse motivo, o amor entre Jorge e Regina

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dantanho/> Acesso em: 01 mar 2020.



posiciona em destaque a distinção entre classe e raça numa ligação, de certo modo, ainda inconcebível. As duas personagens enfrentam os impactos de sua união amorosa: Jorge D'Antanho é desaposado da herança de sua família, e Regina Anastácia padece com os preconceitos naturalizados.

Sabe-se que há um empenho, uma ânsia de contar que favorece o elucidar, através dos relatos, das condições e organizações opressoras que constituem o cenário da experiência. E é nesta experiência de recordar que Evaristo propicia a observação da mulher negra em sua pluralidade, distante de um discurso reducionista da condição de objeto produzido pelo discurso colonialista.

No desfecho, após várias contendas familiares, casa-se com ele, tem cinco filhos e vive uma linda história de amor. Divergindo das expectativas de uma sociedade patriarcal e preconceituosa, a “rainha” Anastácia desse modo reproduz: “Tomei em minhas mãos o cedro do meu destino e dei o rumo que eu quis à minha vida. Continuou a voz majestosa – narrando uma história particular de vida, na qual, em muitas passagens, eu escutava não só a dela, mas também de muitas mulheres do meu clã familiar” (EVARISTO, 2016, p. 128).

Para Regina, seus filhos representavam a descendência afro-brasileira e a gênese de um processo de desconstrução da história e dos preconceitos sociais da raça, como um princípio de sua história de vida. Ao término de sua narrativa, Regina Anastácia assevera que somente aguarda pela morte, e finda seu relato com uma perspectiva da escravatura à libertação, com as marcas da história fixadas na memória e no corpo.

Regina Anastácia se realiza pessoal e profissionalmente, contrariando, desse modo, o poder econômico estabelecido desde o sistema escravagista e, sobretudo, questionando a convicção de que ela, na qualidade de mulher negra, seria uma mulher inapropriada ao comprometimento conjugal.

## **2. 2 Maria do Rosário Imaculada dos Santos**

O quinto conto da obra em estudo traz o nome e o protagonismo de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, uma menina que foi roubada juntamente com o irmão mais novo. Maria do Rosário é levada para longe, ao passo que o irmão é abandonado ainda próximo de



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

seu lar. A protagonista do conto foi sequestrada de sua família por um casal de brancos, que deu a ela acesso à educação, com professores particulares e moradia, porém ela não tinha o afeto do casal que a sequestrou, eles não a tratavam como filha, nem sequer a nomearam, chamavam-na por “menina”, e eram mais ausentes que presentes, crescendo praticamente sozinha. Após algum tempo, com a separação do casal, Maria do Rosário passa a morar com outra família, que a recebem como empregada doméstica, privando-a de participar de ocasiões de distração. A personagem casa-se diversas vezes, mas decide não ter filhos, a fim de que sua história de vida não se repetisse. Ao término da narrativa, a protagonista reencontra sua família progenitora.

Maria do Rosário Imaculada dos Santos narra o momento em que foi sequestrada: “Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo” (EVARISTO, 2016, p. 44). A personagem relata o rapto e o modo como foi construindo a sua vida, separada de sua família, até se reencontrarem, já em sua fase adulta. Após ser posta abruptamente em uma família com a qual ela não tinha nenhuma relação, a menina cresceu sozinha. Maria do Rosário foi obrigada a lidar com as perdas e a dor e, entre uma angústia e outra, precisou dar um novo significado à sua vida. Assim, o processo de rememoração simboliza o relato de uma coletividade, uma vez que em inúmeras questões é evidente o diálogo com as histórias que atravessam as fronteiras do proscrito africano no Brasil.

Logo no início da narrativa, Maria do Rosário Imaculada dos Santos expõe não gostar do seu nome:

Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado de minha família. Mãe, tias, madrinha e também a minha avó, todas elas, não se contentaram só com o “Maria”. E me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por “Santos” generalizados e não identificáveis (EVARISTO, 2016, p. 43).

Além disso, a personagem enfatiza que de Imaculada ela não tinha nada. Desse modo, podemos depreender que a negação não se referia apenas ao nome, nem mesmo ao sentido denotado ao vocábulo, e sim a toda uma tradição que durante séculos oprimiu e subalternizou negros sujeitos aos homens brancos e ao catolicismo.

Ao completar um ano de sua chegada à casa do casal que a raptou, Maria do Rosário foi presenteada com um cachorro, sendo que o cotidiano da personagem se limitava às



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

“brincadeiras com Jesuszinho” (EVARISTO, 2016, p. 48), nome escolhido por ela para o seu cachorro. Observam-se dois personagens unidos pelo afeto e pela santidade dos seus nomes.

A história de Maria do Rosário se assemelha à “história de escravidão de sua gente” (EVARISTO, 2016, p. 46), que lhe revelavam os mais velhos. Ao que tudo indica, refere-se à escravização dos negros africanos, que foram desarraigados do seu solo pelo homem branco europeu. Do mesmo modo que Maria do Rosário, os africanos também foram circunscritos ao status de pessoa nula, sem denominação e sem família, sem domínio sobre o seu passado e sua vida.

A protagonista carrega a dor de ter sido arrancada forçosamente do seu lar. Jamais compreendeu o porquê de aquelas pessoas a tirarem do seu lugar de origem. Igualmente se perguntava sobre a morosidade do seu retorno, até mesmo quando já tinha liberdade para ir aonde quisesse. Também se perguntava “qual teria sido a causa maior da demora do meu regresso” (EVARISTO, 2016, p. 51). Os sofrimentos vivenciados por Maria do Rosário são representativos da realidade não ficcional de indivíduos, sobretudo da infelicidade de mulheres negras, consequência de uma condição sociorracial. No instante em que as protagonistas das narrativas adquirem voz, há a impressão de que suas falas são partilhadas, como se dialogassem entre si. E a fim de não esquecer da sua família, daqueles que ficaram para trás, a protagonista narra que:

Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via a gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói (EVARISTO, 2016, p. 47-48).

A história de Maria do Rosário pode representar a condensação da história da escravidão negra. Ela cresceu sem ter a liberdade de falar sobre as suas origens, sobre a sua família. Narrava a história dos seus entes somente para si, como uma maneira de não esquecer as suas origens, suas raízes, de onde ela veio. Contudo, como vimos, era dolorosa a ‘deslembração’, ou seja, o apagamento dessas histórias no decorrer do tempo.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Além disso, a protagonista narra seu trauma<sup>8</sup>, lembrando os momentos dolorosos que marcaram de forma negativa a sua vida. Assim, a fala das personagens sugere que o tempo que lhes foi roubado não volta mais, e que lhe impuseram um destino no qual a sua infância já não possuía o mesmo sentido. Consoante ao silenciamento ao qual a personagem foi sujeitada, ela “tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude” (EVARISTO, 2016, p. 47). Maria Imaculada precocemente foi tirada de sua família, aprendeu os ofícios relativos ao trabalho doméstico e foi inserida no campo do trabalho de modo precário, negociando sua mão de obra por um valor irrisório: “Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças” (EVARISTO, 2016, p. 50), resultando, desse modo, no meio de sua subsistência: “Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles” (EVARISTO, 2016, p. 51). Dessa forma, observa-se que lhe foi retirada a oportunidade de ter outras escolhas de trabalho, intervindo dessa maneira em sua formação identitária e implicando em sua qualidade de vida. Para Gonzalez (1979, p. 13 *apud* PACHECO, 2013, p. 25):

A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação ‘profissional’: doméstica e mulata. A profissão de ‘mulata’ é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de ‘mercado de trabalho’ [...] produto de exportação.

Cabe destacar que algumas particularidades nos levam a acreditar que Maria do Rosário era negra e oriunda de uma família grande, constituída por mãe, tias, tios, primos, madrinha, avós, bisavó, primos e mais algumas pessoas que apenas eram consideradas parentes, mas sem nenhum laço sanguíneo. Essas pessoas compartilhavam a cultura de matriz africana e moravam em pequenas casas reunidas em um mesmo terreno. “Todos respondiam pelo sobrenome ‘Dos Santos’ ou ‘Dos Reis’” (EVARISTO, 2016, p. 45).

Nesse sentido, também é interessante notar que essas marcas a respeito de um provável pertencimento à etnia negra são comprovadas quando Maria do Rosário, após entender que havia sido sequestrada, reflete: “E quando alcancei a gravidade da situação, por

---

<sup>8</sup> O trauma —um acontecimento chocante que assola a consciência, impedindo a capacidade de processar e assimilar a experiência —permanece não resolvido em termos de memorização (WALTER, 2014, p. 145).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias da escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava” (EVARISTO, 2016, p. 46).

Assim, a protagonista contava para os outros uma outra história acerca de sua origem, o que nos leva a presumir uma semelhança com a natureza dos negros na diáspora. Em sua nova versão, ela narra: “[...] eu-menina era jogada no porão de um navio pelo casal que tinha me roubado de casa”; ao final do conto tem-se, de fato, a remição: “E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre” (EVARISTO, 2016, p. 54).

### 3. Considerações finais

O presente estudo revelou que o conto “Regina Anastácia” celebra a beleza da mulher negra e recupera a importância da luta, resistência do povo negro brasileiro e de sua cultura. Além de abordar o amor, a história transmite a ideia de que a mestiçagem resultante do amor de uma negra com um branco é a que se deve enaltecer, em oposição à exigida pela violência sexual dos brancos contra as negras escravizadas.

Como vimos, Regina Anastácia desconstrói a convicção de que a função da mulher é dar prazer. Contudo, a personagem foge à regra estabelecida socialmente, casa-se com um homem branco e dele recebe aconchego e respeito. São expostas no conto diferentes tensões, referentes a modificações econômicas, novas práticas comerciais, relações de poder alteradas. O casal apaixonado precisou suplantar várias proibições, imposições, assim como superar o domínio patriarcal que se estabiliza em distintos níveis. Em síntese, tornaram-se sujeitos da própria história.

Por sua vez, Maria do Rosário teve que aprender a ressignificar, entre a dor e a distância, as lembranças do aconchego familiar e dos vínculos de convivência e amorosidade destruídos. Assim, as narrativas retratam a condição de vulnerabilidade em que as mulheres, especificamente as mulheres negras, estão expostas desde a sua infância. Maria do Rosário, a despeito do isolamento que lhe foi imposto, continuamente baseado no silêncio, prepara a



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

reconquista de seu destino. Essas protagonistas assumem, desse modo, a condição de sujeito, apesar de sua condição periférica.

Por fim, no conto a mulher negra representa a opressão social vivenciada por esses indivíduos historicamente hierarquizados e emudecidos, consoante a uma sociedade colonialista, misógina e racista que, de inúmeras maneiras, oprime os indivíduos que não estão inseridos em um grupo dominante. Porém, Conceição Evaristo, ao dar voz a esses indivíduos impedidos de falar, por meio do texto literário, irrompe um silêncio institucionalizado.

## Referências

CRUZ, Adélcio de Sousa. *Narrativas contemporâneas da violência* [manuscrito]: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz / Adélcio de Sousa Cruz. 2009. 228 f., enc.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). *Escrivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Idea Editora, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, 2, ANPOCS, Brasília, 1983, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. O papel da mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013. 382p.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Trad. Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

SILVA, Aildes Celestina da. Mulher negra -Mulher afro-brasileira. In: *Mulher – Cinco séculos de desenvolvimento na América - Capítulo Brasil*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p. 73-85.

WALTER, Roland. Violência e trauma: Marcas do corpo negro. In: SOUZA, Elio Ferreira de; ROLAND, Walter; ALVES, Alcione Correa; BEZERRA, Rosilda Alves *et al.* *Entre centros e margens: literaturas afrodescendentes da diáspora*. Curitiba: CRV, 2014.